

Os filmes documentários

Nos princípios do mês passado, no salão de projecções do Instituto Internacional de Cinematografia Educativa, apresentou-se, pela primeira vez, ao público italiano, a película do vôo Mittelholzer, de Zurich ao Kilimanjaro.

O filme reproduz a viagem, não acidentada, mas nem por isso menos interessante, levada a cabo por novos exploradores do continente negro, num tipo de aparelho que, se bem que oferecesse toda a espécie de segurança técnica aos aviadores, constituia um magnífico exemplo de audácia ao serviço da investigação geográfica e do «folklore» das regiões não completamente conhecidas, sob o ponto de vista documentário e costumes locais.

Seriam suficientes as tomadas de vistas do vôo Kenia-Kilimanjaro para dar à película um valor que supera os limites da simples reprodução do episódio e do documento fotográfico.

A expedição, dirigida por Mittelholzer, saiu, no «Switzerland III», ao amanhecer do dia 15 de Dezembro, de 1929, do aeródromo de Dubendorf. O aparelho utilizado foi um trimotor «Fokker», com uma carga útil de duas toneladas e um raio de acção de 20.000 quilómetros.

«O «Switzerland III» chegou ao Cairo em quatro etapas, em vez das três que se haviam previsto. Efectivamente, no primeiro dia, não pôde tocar em Catânia por ter sido forçado a dar uma grande volta, para ultrapassar os Alpes, na região de Aplug. Mittelholzer teve que aterrizar em Praia, na costa da Calábria por falta de óleo. A 17 de Dezembro atravessou o Mediterrâneo, em três horas, da Sicília à Tripolitânia, e depois de Benjasi, seguindo quasi 3.000 quilómetros pelo deserto, alcançou o Cairo. Daí para diante, Mittelholzer seguiu, pouco mais ou menos, o mesmo itinerário da expedição anterior, realizada por êle, três anos antes, de colaboração com Gouzy.

Orientando-se pelo Nilo, sôbre o qual voou, alcançou a etapa de Serengeti, onde tinha que fazer uma caçada.

Não se tratou nesta expedição de ametrilhar leões, gazelas ou elefantes, do alto do aparelho, como outras vezes se tem intentado, com pouco senso desportivo. O «Fokker» não tinha outras atribuições, a não ser as de meio de transporte.

Em compensação, a certa altura, foi utilizado como veículo sanitário. De facto, no início da permanência em Serengeti, um dos componentes da expedição foi atacado por um leopardo que o feriu, gravemente, com as suas garras.

Pôde salvar-se, graças à prestreza com que o aeroplano o transportou, em hora e meia, ao hospital de Naikori, enquanto que de automóvel se levaria uma semana, e, em caravana, talvez mais de um mês.

Mittelholzer limitou-se a «caçar» animais com a objectiva e com a máquina cinematográfica.

Podem ver-se, em grande quantidade, focados nos locais onde vivem, antílopes de todas as espécies (os avidores asseguram ter visto rebanhos com mais de 50.000 cabeças), girafas, leões e elefantes.

Estes, sobretudo, foram filmados em vôo planado, a baixa altura e muito de perto, nos grandes pântanos do Nilo.

Durante o tempo que estiveram em Serengeti, não longe do Tanganika, Mittelholzer voou sôbre os mais altos montes africanos: o Kenia e o Kilimanjaro, ambos situados próximo da linha do Equador.

A película que aí impressionaram tem um valor inegável sob o ponto de vista documentário.

A filmagem foi feita a 6.400 metros de altura dando uma magnífica visão do conjunto do imenso monte de Kibo.



(Conclusão da pag. 2)

■ ■ ■

●● Que as vimos no filme documentário *Lisboa* e no filme *Maria do Mar*.

●● Que, no Ano Bom, abre em Londres um novo cinema que possui 5.000 lugares e um «promenoir» para 1.500 pessoas.

●● Que, em virtude do preço elevado dos aparelhos sonoros, os engenheiros polacos Zyncky e Stijewski inventaram um novo aparelho de boas qualidades e preço pouco avultado.

●● Que o cinema Cine-Praia, da Cruz Quebrada, já está aparelhado em sonoro, com geral contentamento dos seus frequentadores.

●● Que a Ufa resolveu, definitivamente realizar o filme *Rasputine*, tendo como protagonista Emil Jannings.

●● Que foi substituído o título do filme sonoro *Vampiros de Broadway* por *Eldorado*.

●● Que na próxima segunda-feira se estreiam, no Tivoli, as primeiras actualidades sonoras filmadas em Portugal.

●● Que, a seguir ao filme sonoro *O Meu Camarada*, com Al Jolson, o Salão Jardim da Trindade, do Porto, estreará *Broadway Melody*, com Anita Page e Bessie Love.

●● Que o filme sonoro *Diabo Branco*, com Ivan Mosjukine, será estreado no Salão Jardim da Trindade, no Porto, no próximo mês de Janeiro.

●● Que, provavelmente, e a seguir à *Canção do Berço*, a Paramount estreará no Tivoli o primeiro filme sonoro de Harold Lloyd, *Harold encravado*.

■ ■ ■

O coração dos cinéfilos

■ ■ ■

O nosso leitor e amigo R. M., enviou-nos a quantia de vinte escudos para os nossos pobresinhos e a assídua e simpática leitora «Menina Cinéfila» cinco escudos. Igualmente, com o mesmo destino, recebemos de «Janetgaylorfila», nossa dedicada amiga e leitora, a importância de cinco escudos.

A todos agradecemos, profundamente reconhecidos, estas manifestações de bondade, que registamos com muito prazer.

No centro da colossal cúpula de gelo abre-se a cratera — hoje extinta — semelhante ao olho dum ciclope, cuja circunferência, de dois quilómetros, é duma regularidade quasi geométrica.

Nada mais curioso do que aqueles altos penedos, cujos pendores enegrecidos se destacam na brancura dos glaciares.

Visto do este, o Kibo lembra um pouco o Monte Branco. Ao alto, porém, tem um aspecto mais impressionante.

O Mawenzi, o cume oriental do Kilimanjaro, é dum tipo muito diferente. A paisagem é completamente selvagem.

Do campo de Serengeti, a expedição dirigiu-se aos centros mais civilizados, habitados por europeus, enquanto que Mittelholzer, através das regiões do Kénia, do Uganda e das margens do Nilo, se lançava no vôo audaz e atravessava o Mediterrâneo para chegar a Zurich, ponto de partida.